

Artigos Originais

APRENDENDO E DIVERTINDO: DE ESOPO A LOBATO, O PERCURSO DA FÁBULA NA HISTÓRIA

Original Articles

LEARNING AND HAVING FUN: FROM AESOP TO LOBATO, THE COURSE OF FABLE IN HISTORY

Elizabeth Aranha Guimarães Ubiali*
<http://lattes.cnpq.br/5216173758589180>



CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ., Franca, SP, Brasil -
eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#) 

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo desenvolver um estudo sobre a fábula como gênero literário. Esta narrativa será considerada uma excelente contribuição no processo de alfabetização de crianças a partir dos sete anos. Serão apresentadas as origens e o estudo desta narrativa em sua sintaxe discursiva por meio dos discursos: figurativo, temático e metalinguístico, assim como o percurso da Fábula na história da Literatura Ocidental por meio dos autores: Esopo, Fedro, La Fontaine e Monteiro Lobato. Refletiremos sobre as razões desta pequena narrativa de caráter moral ser uma ferramenta importante para o educador no sentido de construir uma prática pedagógica mais dinâmica, aliando o saber ao prazer.

Palavras-chave: educação. alfabetização. gênero literário. fábula. sintaxe discursiva. história da literatura.

ABSTRACT

This article aims to develop a study about the fable as a literary genre. The fable as a narrative should be considered an excellent contribution in the literacy process of seven years old children. We will present the origins, the study of this kind of narrative and its discursive syntax: figurative, thematic and metalinguistic, as well as the route of the Fable in the history of Occidental literature throughout the authors: Aesop, Phaedrus, La Fontaine and Monteiro Lobato. We will discuss the reasons that make this little narrative, with a moral character, an important tool for the educator to build a dynamic teaching practice, combining pleasure with knowledge.

* Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP).

Keywords: education. literacy. literary genre. fable. syntax discourse. history of literature.

INTRODUÇÃO

A temática deste trabalho situa-se no universo da Literatura, em especial, o gênero literário fábula. Como uma das mais antigas narrativas da Civilização Ocidental, consideraremos como marco inicial, a fábula de Esopo na Grécia, e como ponto final, a fábula de Monteiro Lobato, no Brasil.

A fábula é uma narrativa que se perde na origem dos tempos, retratando situações humanas vividas, geralmente por animais, com o intuito de transmitir certa moralidade. Tal natureza simbólica revela uma analogia com a natureza humana: O leão é símbolo da força e majestade; a raposa, símbolo da astúcia, enquanto o lobo representa o poder; o carneiro a ingenuidade, a fragilidade.

Tornando, em muitas situações, a virtude louvável e o vício ridículo, de modo bem humorado e divertido, a fábula apresenta comportamentos que atuam sobre o leitor levando-o a uma reflexão ética e proporcionando uma leitura a um só tempo educativa, crítica e prazerosa.

O educador possui uma grande influência na vida do educando, sua ação não se limita a ensinar, mas também despertar a consciência, promover a liberdade, tornando-se formador de personalidades. Sua tarefa vai além do desenvolvimento do raciocínio lógico formal do aluno. Assim, possibilitar ao aluno/leitor viver novas experiências, expressar seus sentimentos, pensamentos e emoções livremente é dar oportunidade de construir uma personalidade saudável resgatando valores humanos, muitas vezes esquecidos e relegados a segundo plano.

Podemos considerar que essa curta narrativa que revela uma lição moral pode ser um excelente aliado ao processo não só de alfabetização, mas de formação e educação integral da criança a partir dos sete anos de idade. Esta afirmativa será sustentada pelo médico e pedagogo Bernard Lievegoed (1994), em sua obra *Desvendando o crescimento* e confirmado pela educadora Betty Coelho (1995) em *Contar histórias uma arte sem idade*.

As considerações históricas foram pesquisadas em *Fábulas de La Fontaine* (LA FONTAINE, 1992). Tal obra, além das fábulas do autor, apresenta um estudo histórico sobre narrativa, assim como a historiadora da Literatura Infantil Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1959) em *Compêndio da Literatura Infantil* nos apresenta um aparato histórico do momento em que o fabulista brasileiro Monteiro Lobato, entra na Literatura Infantil como o marco histórico inicial.

Ao lado do processo histórico e da adequação à faixa etária, consideraremos o estudo da fábula em sua sintaxe narrativa. Para tal compreensão, apresentaremos os teóricos da Universidade Estadual Paulista Alceu Dias Lima com *A forma da fábula* e Maria Celeste Dezotti com *A fábula esópica anônima: uma contribuição ao estudo dos atos de fábula*.

Buscaremos compreender porque a fábula é um gênero literário que possibilita um excelente trabalho pedagógico para os alunos do Ensino Fundamental, assim como porque essa curta narrativa, que rompeu com os limites do espaço e do tempo, pode ser aliada de um processo educativo dinâmico, bem humorado e divertido.

CAPITULO 1: FÁBULA E A ALFABETIZAÇÃO

A literatura pode ser um excelente recurso no processo de formação e alfabetização da criança, entretanto, é de fundamental importância que o educador esteja ciente do processo biológico e cognitivo do seu educando. Neste sentido, se faz necessário que os educadores estejam atentos para o interesse da criança e adequação da narrativa à faixa etária.

Bernard Lievegoed, psiquiatra e estudioso da pedagogia curativa considera a fábula uma narrativa indicada para a fase inicial de alfabetização da crianças após os sete anos. Em *“Desvendando o crescimento: as fases evolutivas da infância e da adolescência”* ele afirma:

Já mencionamos antes a relação entre a fala e o pensar. Na primeira fase a criança conquistou a linguagem pela imitação. Esse foi o fundamento sobre o qual pode desenvolver-se a primeira atividade pensante. Também agora é novamente a linguagem, a palavra que proporciona ao pensar a oportunidade de passar por uma primeira metamorfose e assumir um novo caráter. As crianças só podem compreender com a ajuda da palavra falada; só pode compreender

ao falar ela própria. Neste período, muito deveria ser-lhe contado – sem abstração, sem nexos com qualquer atividade utilitária, mas com muita fantasia, vida e ação. Contos de fadas e **fábulas**, bem como a matéria de ensino vazada em narrativas, podem constituir o alimento adequado. (LIEVEGOED, 1994, p. 60, grifo nosso).

Coelho (1995), em *Contar histórias uma arte sem idade*, considera como fundamentais de serem reconhecidos e respeitados os contextos sócio-econômico no qual a criança está inserida, além da adequação à faixa etária. Segundo a autora em questão, a fábula pode ser indicada para crianças de dez anos, ou seja, o 3º ano do ensino fundamental.

Pré-escolares até três anos: fase mágica – histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados) – histórias de crianças; de três a seis anos: fase mágica – histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve etc.) – histórias de fadas. Escolares sete anos – histórias de crianças, animais e encantamento, aventuras no ambiente próximo: família, comunidade, histórias de fadas; oito anos – histórias de fadas com enredo mais elaborado, histórias humorísticas; nove anos – histórias de fadas, histórias vinculadas à realidade; **dez anos** – aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções, **fábulas**, mitos e lendas. (COELHO, 1995, p. 15, grifo nosso).

Entretanto podemos considerar que existe uma variedade muito grande de fábulas – das mais simples às mais complexas. Assim, frente à postura dos dois autores, podemos entender que as mais simples poderiam ser indicadas para crianças menores, para aquelas que estão iniciando o a alfabetização e as mais elaboradas para as crianças na fase subsequente.

CAPITULO 2: A FÁBULA NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Buscando a etimologia da palavra fábula vamos nos deparar com o sentido de *fala, conversa, linguagem oral*. Temos como exemplo a frase: *Quae haec est fabula?* (Que conversa é essa?). No entanto, outro sentido brotou dessa conversa. A partir da fala do povo, num processo vivo e dinâmico de criação e recriação, emergiu a configuração da forma literária, que por sua vez, vem se elaborando através do tempo. Esse gênero literário no qual está encerrada a fábula tem características peculiares. É usualmente definida como uma narração alegórica cujos personagens são geralmente animais e que revela uma crítica ou zombaria, implicando numa lição de moral.

Caminhando em retrospectiva vamos encontrar a fábula tendo seu berço no Oriente, como fala, circulava entre as pessoas até tomar uma forma peculiar, a literária. Para a cultura ocidental, a Grécia é considerada o berço da fábula, tendo Esopo como o primeiro autor. No entanto, é importante ressaltar a confirmação de que esta já existia antes de Esopo. Em Hesíodo (2002), na sua obra *Os Trabalhos e os Dias* encontramos a fábula: *O Falcão e o Rouxinol* (ANEXO A), que é considerada a fábula grega mais antiga, é datada do século VIII a.C, enquanto a de Esopo aparece no século VI a.C.

Como dissemos anteriormente a fábula está relacionada à fala e, em princípio, limitou-se a essa atividade. Assim como o ser humano na sua primeira fase da vida, a infância, desconhece esse outro código posterior à fala, também a humanidade, nos seus primórdios, se utilizou primeiro da linguagem oral para depois elaborar gradativamente a escrita.

Pelo uso que Esopo fez dessa curta narrativa alegórica que finaliza com uma moral, foi ele considerado um dos sábios da Grécia. Sua sabedoria estava em figurativizar os conceitos relacionando-os com a natureza, em especial com a natureza animal, possibilitando, assim, uma melhor compreensão do ser humano e de suas tendências.

A fábula possui uma sintaxe discursiva que lhe é própria contendo três discursos: o figurativo, o temático e o metalinguístico.

O primeiro é um discurso que é representado através do espaço, tempo e atores, ou seja, personagens que, por sua vez, são representados por deuses, forças da natureza, minerais e em especial o mundo animal. Estamos, então, frente a uma *Des-humanização*, que nada mais é do que uma *Re-humanização*, pois a natureza desses personagens se identifica com atitudes e tendências humanas.

O discurso temático, que se refere à temática, em interação com o figurativo e o metalinguístico, além de ter o humor como um componente quase sempre presente é também utilizado como recurso didático, crítica política e social. O metalinguístico é o que se refere à moral que pode estar explícito no início, no final ou ainda no corpo da narrativa. O discurso figurativo promove um caráter lúdico contribuindo para que o discurso metalinguístico não se torne enfadonho ou tedioso para ser apreendido pelo leitor.

CAPITULO 3: MOMENTOS DA FÁBULA NA HISTÓRIA

O primeiro momento da fábula na história se atribuiu a Esopo. Os relatos que temos desse autor provêm do historiador grego Heródoto. Tendo ele vivido no séc. VI a.C., por volta do ano 550 a.C., utilizou-se da fábula de maneira inteligente e bem humorada fazendo com que sua aparência, semelhante a um anão, e sua condição social inferior fossem superadas pela sua sagacidade e sabedoria.

Foi considerado pelo filósofo grego Aristóteles como um retórico, pois a sua fábula é uma forma de persuadir. Platão, por sua vez, também lhe concedeu um lugar de honra em sua obra, *A República*, pois, longe de considerá-lo um poeta, o que abominava e julgava maléfico, reconhecia sua fábula como um excelente instrumento pedagógico que contribuía para a formação do cidadão.

Frente a momentos difíceis, para ser respeitado como cidadão, ou para alertar as pessoas quanto à ignorância de suas atitudes, a fábula esteve presente na vida de Esopo. Conta-se que seu amo, o filósofo Xantos, tendo se excedido nas bebidas, veio a afirmar para seus discípulos que seria capaz de beber o mar e apostou a sua casa se não realizasse tal façanha. E foi apenas graças à inteligência de Esopo que ele pôde se livrar da enrascada.

Chegado o dia marcado para a execução da aposta, toda a população de Samos correu para testemunhar a humilhação do filósofo. O discípulo que aceitara a aposta já cantava a vitória antecipadamente. Ao chegar ao local, porém, voltou-se Xantos para o povo e disse: "Senhores, eu de fato apostei que beberia todo o mar, mas não que beberia os rios que nele caem. Assim, peço ao meu desafiante que interrompa todos os cursos de água, para que eu possa cumprir o que efetivamente prometi". Todos se admiraram do seu expediente. O discípulo reconheceu a sua derrota e pediu perdão ao mestre, que foi reconduzido a casa entre viva e elogios (LA FONTAINE, 1992, p. 54).

Muitas vezes o humor esteve presente nas peripécias de Esopo: estando Xantos num banquete, separou algumas guloseimas e ordenou a Esopo: "Leve isso para minha querida amiga". Esopo então levou as guloseimas para uma cadelinha que era a meninados-olhos do amo. Retornando ao lar, Xantos perguntou à mulher se ela havia apreciado os petiscos, e esta nada entendeu. Para esclarecer o caso, chamaram Esopo. Procurando um pretexto para

punir seu escravo, perguntou-lhe Xantos se não havia ordenado expressamente que levasse aquelas guloseimas para a sua querida amiga. Esopo disse que sim, mas que a "querida amiga" não poderia ser sua mulher, que por qualquer desavença ameaçava pedir o divórcio, e sim sua cadelinha, que tudo tolerava e que vinha fazer-lhe carícias mesmo depois de haver apanhado (LA FONTAINE, 1992, p. 51).

Sendo injustamente condenado à morte pelos habitantes de Delfos, Esopo se utiliza da fábula para exortar quanto ao perigo de se sacrificar um inocente:

A rã, [...] convidou o rato para visitá-la. Para atravessar o charco, amarrou-o entre os seus pés. Entrando na água, procurou puxá-lo para o fundo, pois havia planejado afogá-lo para depois usá-lo como refeição. O infeliz rato ficou a debater-se durante algum tempo, o que fez com que fosse avistado por uma ave de rapina. Esta, percebendo aquilo, atirou-se sobre o rato e, erguendo-o aos ares, trouxe junto à rã, que não teve tempo de soltar-se. Resultado: a rapinante comeu os dois. Pois há de ser assim, abomináveis moradores de Delfos, que um mais poderoso que todos vós me vingará. Que vou morrer, bem o sei; mas vós também havereis de morrer (LA FONTAINE, 1992, p. 67).

De nada adiantando as exortações de Esopo os délficos o sacrificaram, o que provocou uma violenta peste que deveria durar até que a mancha da morte do sábio Esopo fosse expiada.

O segundo momento da fábula na história é atribuído a Fedro, fabulista latino que viveu no séc. I d.C. Ele é responsável pela inversão da moral da fábula do final para o início; é também, através dele que a poesia reivindicaria o seu lugar. Ele afirma a dupla finalidade da fábula: entreter e aconselhar. Ele também retrata sua revolta contra as injustiças sociais e crimes do seu tempo. Constatemos as afirmações acima através da leitura de uma de suas fábulas retirada do volume traduzido por Perry (BABRIUS..., 1975), *Babrius and Phaedrus*. (ANEXO B).

O terceiro momento da fábula na história é creditado ao fabulista Jean de La Fontaine. Esse momento coincide com o fim do período medieval e o início dos tempos modernos. Encontramo-nos frente a um cenário em que a tendência racionalista, que deu origem ao pensamento moderno, foi gradativamente se chocando com os dogmas da igreja católica, que até então predominava. As imposições da fé, não sendo acessíveis à filosofia nascente, produziram uma ruptura

que levou o pensamento filosófico a adquirir cada vez mais a independência dessas verdades desvinculadas da razão. Esse pensamento então nascente tem como seu principal representante o filósofo francês René Descartes (1596 -1658)

La Fontaine conserva a forma poética já utilizada por Fedro, embora a moral da fábula não fique desvinculada, mas sim, implícita no corpo da narrativa. Segundo Lessing esse fato está relacionado à qualidade estética do texto. Para ele, a fábula, assim como afirma La Fontaine, possui duas partes distintas: o corpo e a alma, sendo a narrativa a parte sensível, o corpo dinâmico e figurativo da narração; enquanto a alma é a moralidade, implícita no corpo, embora sem ser destacada materialmente, ela opera com conceitos que revelam as verdades mais sutis.

Um pequeno teatro com peculiares personagens foi por ele desenhado com nitidez e, interagindo em cenários vivos, onde a ação vai resultar na moralidade que permeia as ações. La Fontaine tem muitas vezes um tom realista, pois não deixa de afirmar através de suas fábulas que, muitas vezes, o mais forte e astucioso é o vencedor e que os bons, inocentes e ingênuos podem ser sacrificados. No entanto, assistimos também à vitória da humildade sobre a presunção, do bem sobre o mal.

No contexto histórico que La Fontaine viveu, a fábula parece exercer uma função fundamental. Frente às conquistas da razão provindas do despertar dos tempos modernos, não parece suportável assistir passivamente às desmesuras do Rei Sol. No entanto, criticar diretamente tal autoridade absoluta seria perigoso. Assim, a fábula, com a sua figurativização relacionada, em especial, ao reino animal, faria uma crítica velada, não comprometendo o autor. Contudo, é importante ressaltar que o animal apresentado na fábula não tem nenhuma fidelidade científica com o animal das ciências naturais, daquele estudado pelo zoólogo, portanto, podemos afirmar que a figurativização presente na fábula dispensa a possibilidade de aproveitamento científico.

O rei leão, monarca absoluto usando injusta e desmesuradamente sua força, pode ser criticado, mas não o próprio rei. “Mas, quem disse que o leão é o rei?” - poderia se defender o autor da fábula se acusado de desrespeito à autoridade. A Raposa, devido a sua astúcia, pode ser vista como as possíveis artimanhas para se defender de um poder desmesurado. Assim, veladamente, atingindo dimensões do inconsciente, as denúncias das injustiças e desequilíbrios

da monarquia foram sendo realizadas através da fábula de La Fontaine. E é essa desmedida do poder que procuraremos localizar no interior das breves narrativas do poeta clássico do século XVII. (ANEXO C).

O quarto momento da fábula na história será aqui atribuído ao brasileiro José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-19489). Este autor, tão apreciado pelas crianças, é considerado o marco inicial da Literatura Infantil no Brasil. No entanto, antes dele já existia uma obra dedicada à criança.

Alberto Figueiredo Pimentel publica, em 1894 (Editora Quaresma), o primeiro livro para crianças “Contos da Carochinha”, que é uma coletânea de 40 contos populares, onde ele, traduzindo e adaptando alguns contos de outros países, entre os quais se encontravam Perrault, Grimm e Andersen, e recompondo a tradição oral, apresenta algo de novo para sua época, na literatura infantil, que, até então, não se encontrara na divulgação literária. (...) Dois anos depois, em 1896, Pimentel publica seu 2º livro para crianças – “Histórias da Baratinha” e assim prossegue o precursor da Literatura Infantil no Brasil, dedicando-se à infância, ora com histórias maravilhosas [...] Esboça entre nós uma literatura infantil, pois então, nada havia de positivo neste gênero. A partir desse momento, o Brasil começa a ter um livro marco da literatura para crianças assim como outros países “Mère l’oie; na Inglaterra, “Mother Goose”, em Portugal, “Pedro Malazartes” no Brasil temos “A carochinha”. (CARVALHO, 1959, p. 80).

Em 1921 com *A menina do nariz arrebitado*, Lobato (1970) inaugura a Literatura Infantil Brasileira. Assim sendo, é no século XX, com Lobato, que se instaura a Literatura Infantil no Brasil. Sua obra é composta por de 39 estórias que se sucedem e se integram em 17 volumes. Destas 39 estórias, 32 são originais, 7 adaptações de Perrault, Andersen, Grimm e Lewis Carol.

Liberdade, autonomia, conhecimento, respeito ao semelhante, são valores que Lobato defende em sua obra para adultos estendendo para o universo infantil. O maravilhoso universo de Lobato é bem humorado e repleto de conhecimento e sabedoria. Sua literatura revela um caráter nacional até então não explorado por um autor brasileiro dedicado à criança. Por meio de suas narrativas ele consegue acender na alma dos seus pequenos leitores o amor pela justiça, pela verdade, pela honestidade, liberdade, por tudo que é belo e sadio.

Lobato criou uma literatura nacional, uma nova literatura infanto-juvenil. Seus personagens vão revelar o sentido de brasilidade até então não explorada. Utiliza uma linguagem coloquial e aproxima seus leitores da cultura que lhes é

própria. Seus personagens são os animais da fauna brasileira como a onça, no lugar do leão, e também encontra palavras de uso popular como unha de fome, no lugar de avarento.

As clássicas e misteriosas “fadas” que já estavam talvez cansadas e cansando, foram substituídas pela originalíssima Emília, a boneca viva e cheia não só de graça, mas de idéias. E que mais agradável às crianças do que uma boneca par substituir a Fada? Emília é uma fadinha, sem mistérios, mais humanizada, mais igual, que vive com a criança. (CARVALHO, 1959, p. 89, grifo do autor).

A varinha mágica tornou-se mais convincente representada pelo pó de pirlimpimpim”, aspirado e agido como se fosse uma grande descoberta científica, de acordo com a época progressista. O rinoceronte, que amigavelmente conduz as crianças, ao invés do frágil coelhinho; “A mãe Gansa” e outros símbolos irracionais, que ficam mais bem situados nas fábulas, foram substituídos pela figura esclarecida de D. Benta, avó boa e amiga, culta e tolerante, que representa a razão dentro da fantasia. E ao invés dos “contos da Carochinha” ganhamos os “Contos de D. Benta” (CARVALHO, 1959, p. 90, grifo do autor).

No sentido da procura de uma brasilidade, as lendas do nosso folclore são valorizadas e se apresentam como narrativas divertidas e bem humoradas. O personagem Tio Barnabé narra as aventuras do Saci enquanto Pedrinho e Narizinho saem à caça do duende brasileiro. Lobato deu movimento e alegria ao mundo criado para as crianças. E, desde aí, as crianças tiveram um “mundo novo” dentro do mundo. (CARVALHO, 1959, p. 88).

Em relação à sintaxe discursiva, o discurso metalinguístico da fábula lobatiana constitui uma importante inovação literária. Em Lobato, seus personagens serão os responsáveis pelo sentido moral implícito na narrativa. Agora não mais uma frase que arremata a narrativa, mas um diálogo, um simpósio, uma discussão. Será neste espaço narrativo que a boneca Emília e outros personagens do autor apresentarão reflexões magistrais.

Podemos, então, considerar esse recurso uma grande inovação para a Literatura dedicada à criança. Por meio dele, vislumbra-se os primeiros passos para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Emília! Em que é que Emília não entra e não dá palpite? E não acha de consertar tudo? Descobre que tal coisa não está certa, intromete-se. Qualquer cochilo dos escritores ... lá está Emília a fazer-lhes a crítica e a reforma. Sr. La Fontaine não rematou bem a fábula, o

velho Fedro esqueceu tal coisa, e assim penetrou Emília pelas fábulas à dentro ... narizinho, por sua vez, também gritava: “esta fábula está errada!” E lá se vai o “pessoalzinho”, fazendo retoques, tornando-as, muitas vezes, mais naturais, trazendo-as até sua compreensão, que é a compreensão da criança. (CARVALHO, 1959, p. 91, grifo do autor).

Refletir sobre uma narrativa, analisá-la, criticá-la, conferir as vantagens e desvantagens é, sem dúvida, um exercício filosófico-literário de grande valor para nossos pequenos leitores. Mas Lobato não pára aí, ele quer mais para a criança.

Emília não se contenta apenas com interferir nas fábulas; ela resolve fazê-las também. E Lobato põe a criança a falar para a criança, indo diretamente ao seu espírito, às suas concepções fabulosas. Assim a “Boneca” começa a criar suas próprias fábulas. Envolve tudo em suas reformas, cria um mundo de bichinhos, de árvores, analisando-os, relacionando-os entre si e com o homem, levantando seus conceitos e suas conclusões: “As moscas vão ficar sem asas, porque são uns bichinhos inúteis e incômodos” (CARVALHO, 1959, p. 80, grifo do autor).

Ao lado do sentido de brasilidade estão outros ganhos tais como: a perda de certa frieza, aridez e requinte literário dos clássicos, que, muitas vezes, distancia e dificulta a leitura. Em contrapartida, emerge uma leveza, graça, humor e diversão. Neste sentido, Edgard Cavalheiro (apud CARVALHO, 1959) afirma:

Lobato deu cunho nacional também às fábulas de Esopo ou Fedro [...] Hesíodo, La Fontaine, ao lado de suas próprias criações, de acordo com o espírito de sua obra. Tornou-as graciosas, leves, humanizadas, eliminando o sistematismo árido e os requintes literários, clássicos e sofisticados. Para Lobato, as fábulas constituem “um alimento espiritual, correspondente ao leite na primeira infância”. (CARVALHO, 1959, p. 92, grifo do autor).

Ao lado das adaptações dos clássicos anteriores estão também as fábulas por ele criadas, como por exemplo, a reescritura de *A cigarra e a formiga*, de La Fontaine, pelas duas fábulas: *A formiga boa* e *A formiga má*. E também *Os dois viajantes da Macacolândia*.

Encontramos no fabulário lobatiano uma obra que revela humor, divertimento, movimento, sabedoria, simplicidade retratando a alma da nação e do povo brasileiro. Por todas essas qualidades, podemos considerar a fábula de Lobato uma parceira de excelente qualidade para os primeiros passos da criança na aquisição da leitura e da escrita.

CONCLUSÃO

Compreendemos que literatura infantil, por meio da fábula, é uma ferramenta grande valor para a educação. Tal gênero literário, que geralmente se apresenta como uma curta narrativa de animais com a intenção de representar os homens, resistiu a um longo percurso no tempo e no espaço da nossa civilização. É raro encontrarmos uma criança que não conheça uma fábula como, por exemplo, *A cigarra e a formiga*, de Jean de La Fontaine.

A leitura e vivência da narrativa fábula pode ser um modo de incentivar o hábito de leitura na infância, idade onde a maior parte dos hábitos se formam. Na atmosfera de encantamento que ela promove, possibilita que as crianças vivenciem as mais diversas situações e desafios, além de estimular outras atividades como o pensar, representar, desenhar, brincar.

Assim, ser leitor ou ouvinte de fábulas é vivenciar a sabedoria em parceira com o lúdico. Por meio dos três discursos que compõem a fábula compreendemos que essa curta narrativa revela conceitos inerentes à natureza humana, críticas sociais e políticas.

Nos primeiros passos da alfabetização, a estreita relação com a vida animal pode ser um atrativo, pois a criança se sente muito ligada a este reino. Em sua potencialidade dramática, a fábula contém virtualmente o teatro, possibilitando atividades práticas, tornando a aprendizagem dinâmica e divertida.

A partir de Esopo, visualizamos as modificações que essa curta narrativa sofreu no percurso da nossa cultura ocidental. Várias contribuições foram dadas, em especial a do brasileiro, marco da Literatura Infantil no Brasil. Lobato, na tarefa de unir a tradição e modernidade, possibilitou a compreensão de diversas obras clássicas, tornando-as mais próximas e mais digeríveis. Desse modo, possibilitou que seu livro, escrito de forma simples, colorido, pleno de fantasia, humor, emoção, se apresentasse à criança como um objeto de estudo aliado ao prazer.

Com Monteiro Lobato, rompemos com a dependência literária ligada aos padrões europeus de literatura infantil e se constrói a importante tarefa de levar à consciência infantil a vida brasileira, desenvolvendo o sentido de nacionalidade. Com ele, os personagens, os ambientes e as situações das histórias, adquirem uma *cor nacional*. No universo da fantasia e ludicidade, sua obra permite o

desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação, da criatividade, do autoconhecimento, ao lado da ampliação do conhecimento do mundo.

Por meio dos conceitos éticos que a fábula nos revela, é possível trabalhar os valores humanos muitas vezes perdidos e menosprezados pela sociedade moderna. Torna-se também possível ir além das conquistas no campo cognitivo, despertando a consciência, desenvolvendo a liberdade, organizando a psique.

Concluimos, então, que esta curta narrativa que apresenta uma lição de moral pode ser um uma ferramenta importante para o educador, no sentido de construir um caminho pedagógico que contempla tanto o saber quanto o prazer no processo educativo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BABRIUS and Phaedrus. Translated by Ben Edwin Perry. London: Heinemann, 1975.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF, 1997.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Compêndio de literatura infantil: para o 3º ano normal**. São Paulo: Ed. Nacional, 1959.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à filosofia**. São Paulo. Ática, 1994.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise e prática**. São Paulo: Ática, 1991.

DEZOTTI, Maria Celeste C. **A fábula esópica anônima: uma contribuição ao estudo dos atos de fábula**. 1988. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1988.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LA FONTAINE, J. **Fábulas de La Fontaine**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Vila Rica, 1992. v. 1- 2.

LIEVEGOED, Bernard. **Desvendando o crescimento:** as fases evolutivas da infância e da adolescência. São Paulo: Antroposófica, 1994.

LIMA, Alceu Dias. A forma da fábula. **Significação**, Araraquara, v. 4, p. 60-69 1984.

LOBATO, Monteiro. **Obras completas**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ANEXOS

ANEXO A – O Falcão e o Rouxinol¹

*Agora uma fábula falo aos reis mesmo que isso saibam
Assim disse o gavião ao rouxinol de colorido colo
No muito alto das nuvens levando-o cravado nas garras;
Ele miserável varado todo por recurvadas garras
Gemia enquanto o outro prepotente ia lhe dizendo:
“Desafortunado, o que gritas? Tem a ti um bem mais forte;
Tu irás por onde eu te levar, mesmo sendo bom cantor;
alimento se quiser de ti farei ou até te soltarei.
Insensato quem com mais fortes queira medir-se
De vitória é privado e sofre, além de penas, vexame
Assim falou o gavião de vôo veloz, ave de longas asas*

Essa fábula é um recurso que o poeta escolheu para falar ao irmão, com quem estava tendo um litígio a propósito de uma divisão de terras. Provavelmente, usando esse recurso retórico, Hesíodo queria persuadir o irmão renunciar.

¹ O *Falcão e o Rouxinol* que é considerada a fábula grega mais antiga, é datada do século VIII a.C., enquanto a de Esopo aparece no século VI a.C.

ANEXO B – Vaca, a Cabra, a Ovelha e o Leão (I, 5)²

*Nunca é fiel a sociedade com um poderoso.
Esta fábula atesta minha afirmação.
A vaca, a cabra e a ovelha sofredora de injustiça
tornaram-se sócias do leão nos bosques.
Como eles tivessem apanhado um cervo de enorme corpo,
feita a partilha, assim falou o leão:
"Eu pego a primeira; é minha porque tenho o título de rei;
A segunda, porque sou sócio, dareis a mim;
Em seguida, porque sou mais forte, me seguirá a terceira.
Será castigado quem puser a mão na quarta".
Assim, a improbidade acabou ficando com a presa*

² DEZOTTI, José Dejalma. Fedro. In: Maria Celeste Consolin Dezotti. (Org.). **A tradição da fábula:** de Esopo a La Fontaine. Brasília, DF: Ed. UnB, 2003. p. 73-89. (Pesquisador da FCLAr - Unesp).

ANEXO C – O Leão o Lobo e a Raposa

*Um decrépito leão, gotoso e achacadiço
queria da velhice ser curado
O impossível ninguém alega aos reis, por isso
é ofensa. E o nosso, por geral chamado,
médicos manda vir, que os há de muitas artes.
Vêm médicos ao leão, das mais distantes partes
de mil lados chovem-lhe receitas.*

*Das visitas que são ao soberano feitas
dispensa-se a raposa, e quieta e muda fica.
O lobo, ao cortejar o rei, crítica
a camarada ausente;
o príncipe, irritado, prontamente
manda que lhe defumem a morada
para que a façam vir. Vem ela, é apresentada
e, sabendo que o lobo a colocara mal,
diz: --"Receio, senhor, que um informe desleal
lance em mim de desprezo a acusação
por haver retardado esta homenagem;
mas eu estava em peregrinação;
foi promessa que fiz por vossa cura.*

*Encontrei mesmo, na viagem,
gente sábia e perita. Expus-lhes o langor
que tanto vos preocupa e vos tortura.*

*Precisais simplesmente do calor
de que a idade vos priva. Se esfolardes
um lobo vivo e a pele ainda bem quente
e fumegante em vós aplicardes,
vereis que resultado surpreendente
tem tal segredo para a natureza
de desfalecimentos presa.*

*O Senhor Lobo, com satisfação,
pode servir-vos de roupão".*

*Tendo o rei tal conselho apreciado,
foi o lobo esfolado e desmembrado*

*O soberano almoçou
e em sua pele se enrolou*

*Não queirais, cortesãos, destruir ninguém;
não vos prejudiqueis na corte mutuamente.
Retorna o mal a vós no quádruplo do bem
De um modo ou de outro, chega a vez do maldizente.
Em vossa profissão
nada é passível de perdão.*